

Narrativas em costura: famílias inter-raciais e colonialidade

Liana Barcelos Porto¹
Manuel Alves de Sousa Junior²

Resumo

Este artigo investiga os impactos da colonialidade nas vivências de famílias inter-raciais no sul do Rio Grande do Sul, com base em uma pesquisa qualitativa que utilizou narrativas como método e instrumento de investigação. As narrativas, produzidas por membros dessas famílias, foram submetidas a um processo interpretativo, detalhado de composição, de sentidos para compreensão de suas experiências. Da análise, emergiram doze conceitos principais, a partir dos quais foram selecionadas três linhas condutoras que orientaram a pesquisa. Essas linhas guiaram a composição de sentidos das experiências narrativas, resultando em textos de campo, textos intermediários e, posteriormente, no texto final da pesquisa. O estudo destaca a importância de as famílias inter-raciais refletirem criticamente sobre suas vivências afetivo-familiares, proporcionando uma compreensão mais profunda de como essas experiências podem influenciar os processos de posituação ou negatuação da identidade racial de pessoas negras. Ao evidenciar essas dinâmicas, o estudo contribui para uma discussão mais ampla sobre a intersecção entre colonialidade, relações inter-raciais e identidade racial, promovendo uma reflexão sobre a importância de reconhecer e valorizar as experiências únicas dessas famílias no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Família Inter-racial. Colonialidade. Pesquisa Narrativa.

1 Introdução

Este texto apresenta um recorte da pesquisa de doutoramento “Costuras Narrativas: famílias inter-raciais, colonialidade e experiências afetivas”, desenvolvida na forma de uma pesquisa-costura. Neste caso, foi composta como uma tese-colcha de retalhos decolonial, fundamentada em uma abordagem qualitativa e inspirada nos trabalhos pioneiros da pesquisa narrativa. As premissas teórico-metodológicas adotadas compreenderam a narrativa tanto como fenômeno quanto como método de investigação.

Através de um recorte geográfico e sociocultural, os/as participantes-autores/as desta pesquisa, foram todos/as pessoas residentes na região sul do Rio Grande do Sul, sendo especificamente, duas pessoas das cidades de: Canguçu, Pelotas e Rio Grande, que foram selecionados/as por comporem famílias inter-raciais e por estarem dispostos a compartilhar e refletir sobre suas experiências afetivo-familiares. Estes/as participantes-autores/as aceitaram

¹ Doutora e Mestre em Educação; Universidade Federal de Pelotas UFPEL; Pelotas, Rio Grande do Sul/Brasil; lianabarcelosporto@gmail.com.

² Doutorando em Educação, Mestre em Bioenergia; Professor do IFBA; Lauro de Freitas, Bahia e Brasil; manueljunior@ifba.edu.br

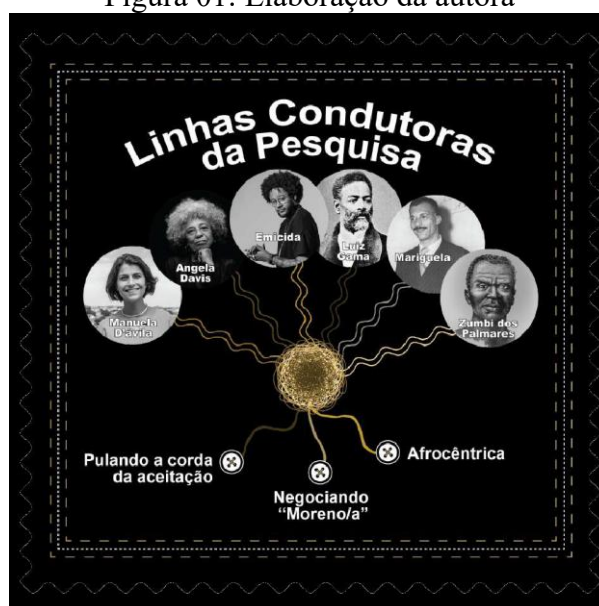
explorar os modos como a colonialidade e suas estruturas raciais influenciam suas relações íntimas e sociais.

Para a composição dos arranjos metodológicos desta pesquisa-costura, o processo inicial envolveu o que foi nomeado como o "corte de tecidos", uma metáfora para a fase de coleta de dados, que nomeia a experiência compartilhada entre os/as participantes-autores/as e a pesquisadora-costureira. Dessa fase, emergiram os retalhos-narrativos, que foram os registros das experiências narradas pelos/as participantes-autores/as, transcritas e acompanhadas pelas notas de campo elaboradas pela pesquisadora.

2 Metodologia

A tessitura desta tese-colcha foi sustentada por um forro teórico que intersecciona conceitos de colonialidade, raça, teorias críticas da branquitude e amor romântico. O momento de juntar os retalhos-narrativos com o forro teórico, foi comparado ao ato de costurar à máquina. Este processo consistiu em uma análise interpretativa das narrativas, a partir da qual emergiram doze fios conceitos. A partir desses doze fios-conceitos, foram compostas três linhas condutoras da pesquisa, conforme a figura 01, em que a imagem dos/as participantes-autores/as, foram escolhidas por eles/as, incentivados/as a homenagear pessoas negras ou pessoas brancas engajadas na luta antirracista:

Figura 01: Elaboração da autora



Fonte:

Enfatizamos que durante o processo analítico interpretativo das narrativas, Ely *et.al.* (2005), atenta para todos os materiais construídos no campo (encontros experienciais narrativos, notas de campo, transcrições). Neste movimento de cerzir, fomos compondo sentido às narrativas Ely *et.al.* (2005) e Protásio (2023) dos/as participantes-autores/as que utilizaram as nomeações de: *Manuela D'Ávila*, *Zumbi dos Palmares*, *Angela Davis*, *Luiz Gama*, *Emicida* e *Marighella*, conforme observado na figura 01. Essas linhas condutoras da pesquisa se moveram por entre os retalhos-narrativos, destes/as participantes-autores/as.

3 Compondo Sentidos As Narrativas

Ao pegarmos a primeira linha condutora, “*Pular a Corda da Aceitação*”, fomos cosendo os retalhos-narrativos que perpassaram os desafios enfrentados pelas pessoas nas suas relações afetivo-familiares inter-raciais, buscando aconchego e aceitação de seus parentes e, em meio aos marcadores da colonialidade, refletimos sobre a “negociação” do amor, levando em conta os processos de racialização.

Partimos da perspectiva de que vivemos em uma sociedade hierárquica, onde pessoas lidas socialmente como brancas, ocupam lugares “de maior prestígio” e pessoas lidas socialmente como negras ocupam lugares de subalternidade. Os tecidos teóricos de Berger e Luckmann (1985) destacam a potência do ambiente familiar para a construção da identidade pessoal e se entrelaçam com Sarti (1992), que demarca a urgência da desnaturalização da família enquanto um “modelo” fixo/estático para que consigamos compreender essa instituição familiar como algo em constante modificação e reorganização.

Tendo em vista todos os desdobramentos dessa linha condutora pelos retalhos-narrativos dos/as participantes-autores/as, foi possível destacar que a noção de modelo de “família padrão”, enraizada em ideias cisheteronormativas e estruturas patriarcais, vem sendo, aos poucos, questionada pela sociedade brasileira contemporânea, que apresenta uma diversidade de arranjos familiares. Santiago e Feitosa (2011) apelam ao reconhecimento e desconstrução desse modelo naturalizado para melhor compreender a natureza organizacional de qualquer sociedade.

Usando como base os pontos desenvolvidos pelas áreas do direito e da antropologia, vemos que o conceito de família evoluiu para abranger várias configurações além da tradicional família cisheteronormativa, branca e nuclear. Como família nuclear, com base no forro teórico de Roosenberg Rodrigues Alves (2009), entende-se que é aquela composta pelo chefe da família (pai), sua esposa e os seus descendentes legítimos. O reconhecimento legal das relações entre

peessoas com a mesma identidade de gênero, como a homoafetiva (Alves, 2009), contribuiu para a ampliação do entendimento de família, reconhecendo diferentes formas de relacionamento e parentesco.

Dessa forma, os retalhos-narrativos costurados, juntamente com o forro da teoria e das percepções dos autores mencionados, desafiam as noções tradicionais de família e enfatizam a necessidade de uma compreensão inclusiva e diversificada das estruturas familiares. Os retalhos-narrativos de Manuela D'Ávila, Zumbi dos Palmares, Angela Davis, Luiz Gama, Emicida e Marighella, ao serem costurados com a linha condutora “Pulando a corda da aceitação: o que dizem as narrativas sobre a negociação do amor inter-racial e aceitação familiar”, contribuíram para prosseguirmos em busca da *práxis* de enfrentamento ao racismo e suas múltiplas “máscaras”, pontuando que, por vezes, esse racismo se emaranha, buscando se “camuflar” nos tecidos do amor romântico e da estrutura familiar.

Finalizando a costura com esta linha condutora, pontuamos que ela pode nos impulsionar a uma busca coletiva em defesa da justiça social, promovendo o diálogo emancipatório e inclusivo. Ao reconhecer a potência da família como um possível local crítico para a formação das identidades, e reconhecendo a fluidez e a diversidade das configurações familiares, podemos tentar promover uma sociedade mais justa e racialmente democrática, onde o amor não tenha tons de alienação, mas tenha nuances de emancipação e aceitação, e que essa aceitação transcenda as normas sociais da colonialidade.

Na continuidade da tessitura, trocamos a linha condutora de escrita, para a linha nomeada como “negociando ‘Moreno/a’: o que dizem as narrativas sobre as jornadas de identidade racial entre gerações”, em que os retalhos narrativos dos/as participantes-autores/as, foram cerzidos com entrelaçamentos sobre identidade racial e comportamentos geracionais.

A narrativa de identidade se desenrolou dentro do caleidoscópio da existência humana, em que a ancestralidade e as relações afetivo-familiares, puderam se entrelaçar em uma (ou várias narrativas) sobre “como negociar o conflitivo conceito de moreno/a”. Juntamente com os processos subjetivos de envolver-se em profundas jornadas de autodescoberta racial dentro de famílias de diversas matizes, sejam elas inter-raciais ou não, diferentes modos de perceber a si e ao outro, se mesclaram e evidenciaram alguns conflitos geracionais.

É importante dizer que esse termo (moreno/a) foi e, infelizmente, ainda é utilizado para classificar pessoas negras de fenótipo pardo. O termo “moreno/a” ainda corrobora com as políticas de apagamento da negritude e enreda-se totalmente nas teorias do embranquecimento, trazendo cores de apagamento e negação (Carone e Bento, 2007). Esses tons de apagamento e negação se referem a todo processo de epistemicídio que pessoas negras foram e são

acometidas, e encontram forro teórico em Grosfoguel (2016) e Carneiro (2005), que demarcam a desqualificação e deslegitimação recorrentes, atribuídas às pessoas negras e os conhecimentos por elas produzidos.

Durante este momento da análise, investigamos a intrincada trama de experiências que os indivíduos atravessaram ao longo dos anos, quando se emaranharam nas complexas tramas da identidade racial, das dinâmicas familiares e dos destinos entrelaçados. Ao arrematar a costura com esta linha condutora, pelos retalhos-narrativos dos/as participantes-autores/as da pesquisa, percebemos as intrínsecas negociações e tensões que surgem nos emaranhados alinhavados pela identidade racial dentro de uma família inter-racial. As experiências compartilhadas por esses/as participantes-autores/as, refletem desafios sociais mais amplos, relacionados ao racismo, ao preconceito e às complexidades da autoidentificação racial.

No terceiro momento da análise, selecionamos a última linha condutora nomeada “abraçar as conexões afrocêntricas: o que dizem as narrativas sobre as experiências compartilhadas de compreensão e cura”. Esta linha condutora tensionou a potência dos relacionamentos afrocêntricos, como um modo de conexão com a ancestralidade, e destacou como as experiências compartilhadas nesses relacionamentos, podem facilitar a cura, a autodescoberta e a resiliência.

As histórias compartilhadas pelos participantes-autores/as, ofereceram texturas únicas sobre suas jornadas de autoconsciência: os desafios que enfrentaram em relacionamentos inter-raciais, o impacto de preconceitos internalizados e o profundo senso de unidade e força, que surge ao abraçarem suas identidades afrocêntricas.

Essas narrativas também nos convidaram a tecer reflexões sobre o papel da educação e dos movimentos negros como espaços de partilha, de aprendizagem e de construção de letramento racial crítico. Trouxeram também cores de esperança, mas não aquela esperança passiva e conformada, mas um tom de esperar decolonial (Freire, 1992) de quem sabe, conseguir abrir rasgos na colonialidade por meio de uma educação implosiva, Pinheiro (2023). E, porventura, essa implosão do modelo educacional colonial que temos, pode ser pensada a partir dos ensinamentos de hooks (2020).

A autora da obra intitulada *Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática* (hooks, 2020), produz uma espécie de atualização do discurso freiriano, incluindo nesta perspectiva crítica, o recorte de gênero e raça, tendo como base a proposta de uma educação libertadora de Freire (1999). A obra é uma composição narrativa e didática, onde hooks compartilha com os leitores, 32 ensinamentos que podem nos ajudar a compor sentidos, para pensarmos e construirmos processos educativos capazes de transformar as pessoas.

Dentre a argumentação tecida por hooks (2020), escolhemos três ensinamentos para arrematar este trecho de composição de sentidos das narrativas: o pensamento crítico, a descolonização e o contar histórias. No ensinamento, o pensamento crítico, hooks (2020) nos tenciona a pensar o problema social da educação concebido no espaço da sala de aula, um lugar onde muitas pessoas não são motivadas/incentivadas a desenvolver o ato de pensar criticamente (em diferentes assuntos/áreas), mas frequentemente, são ensinadas a se manterem em uma posição de conformação. Estudantes, professores/as e demais trabalhadores/as da escola, portanto, acabam sendo reduzidos a meros receptores de informações, e não se constituindo como protagonistas dos seus processos de aprendizagem.

Tal conformação se alinha com o conceito de “docilização dos corpos” foucaultianos (Foucault, 1987), que diz sobre uma estratégia de ruptura com esse panorama colonial de obediência. hooks (2020) também discute sobre a importância de uma pedagogia engajada, que possibilite tirar esses/as estudantes, professores e outros/as trabalhadores/as da educação, de modo geral, desse lugar de passividade.

No segundo ensinamento escolhido, “a descolonização”, hooks (2020) demarca a importância de construirmos um pensamento crítico que rompa com a lógica colonial que ela nomeia como “patriarcado imperialista capitalista supremacista branco”. Tal pensamento seria capaz de romper com essa lógica, quando alicerçado em novas práticas pedagógicas e maior valorização do “ato de perguntar” dentro da cultura educacional. Assim, o pensamento crítico e a decolonização podem nos levar a superar a pessoalização do ódio e compreender a lógica da colonialidade com maior proximidade com o cotidiano de nossos espaços educacionais.

O último ensinamento escolhido foi o contar histórias, em que a autora enfatiza que podemos usar nossas histórias pessoais para nos conectar com os/as estudantes, como uma estratégia pedagógica de vincular os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. O ato de contar histórias, especificamente, enquanto um procedimento pedagógico, se aproxima da proposição metodológica narrativa adotada para a realização da pesquisa-costura aqui compartilhada. A professora hooks tece o contar histórias como uma potente estratégia para tecermos outras realidades e possibilidades, chamando atenção para como que este narrar é potente para a não naturalização de opressões.

Aqui, aproximo com os exemplos de *Manuela D’ávila*, *Zumbi dos Palmares*, *Angela Davis*, *Luiz Gama*, *Emicida* e *Marighella*, que contaram suas histórias, olharam para suas narrativas e se viram e se pensaram, quando os/as participantes-autores/as perceberam algumas tramas da colonialidade, entremeando suas vivências afetivo-familiares. Também percebemos esse contar histórias de hooks (2020) alinhado com o conceito de desempacotar histórias,

defendido por Clandinin, Steeves e Caine (2013), sobre o movimento de desembalar e compartilhar as nossas histórias, o que promove o surgimento de outras tramas e enredamentos. Com o forro dos teóricos Alves (2009), Santiago e Feitosa (2011) e Berger e Luckmann (1985), aprontamos mais esta última linha condutora analítica.

Dessa forma, podemos dizer que as narrativas compostas pelos/as participantes-autores/as, convergem e revelam uma jornada compartilhada de compreensão e possibilidade de cura dentro das conexões afrocêntricas, já que, apesar de suas origens e contextos históricos diversos, essas vozes expressam experiências comuns de consciência racial, discriminação e busca por identidade e letramento racial. Ao longo dos retalhos narrativos dos/as participantes-autores/as, o conceito de conexões afrocêntricas emerge como uma força poderosa que trama a percepção de si mesmo e de um coletivo ao qual se faz parte.

O forro das teorias supracitadas complementa essas narrativas autorais, quando revelam os mecanismos das hierarquias raciais, do racismo internalizado e da construção social das identidades raciais em contexto sul-brasileiro. Essas teorias ajudam a contextualizar as experiências dos indivíduos em estruturas sociais mais amplas, explicitando como os preconceitos raciais, são perpetuados e também como podem ser desarticulados. Destacamos, ainda, que os participantes-autores/as, enfatizaram em seus retalhos-narrativos, a relevância das inspirações geradas por ícones teóricos e culturais, e como as produções desses expoentes trouxeram fios de consolo, de alento – uma espécie de empoderamento via arte, produção literária e autoexpressão. Talvez, os ecos das vozes ancestrais, ressoaram dentro dos/as participantes-autores/as, encorajando-os/as a redefinir relacionamentos, desenvolver o letramento racial crítico e repensar arranjos familiares buscando conexões que celebrassem suas existências.

No entanto, também foi possível encontrar pontos de desconexão nas narrativas, refletindo as complexidades e nuances dentro das conexões afrocêntricas. Enquanto alguns indivíduos encontram consolo e empoderamento em sua negritude, outros enfrentam conflitos, ao conciliar suas identidades raciais com as expectativas da sociedade. A influência da dinâmica familiar, do colorismo e dos espaços educacionais contribuem para experiências variadas de compreensão e identificação racial. As narrativas de Manuela D'ávila, Zumbi dos Palmares, Angela Davis, Luiz Gama, Emicida e Marighella destacam a resiliência de indivíduos e comunidades negras diante da opressão racial.

Portanto, a importância do diálogo aberto, da educação, do orgulho cultural e do letramento racial crítico, emerge como ferramentas cruciais no processo de cura dos traumas ocasionados pela violência contra esses grupos de maiorias minorizadas. As narrativas dos

participantes-autores/as, alinhadas ao forro das teorias, demonstram que enlaçar conexões afrocêntricas, é uma jornada multidimensional, que abrange consciência histórica, autodescoberta e empoderamento coletivo.

As experiências compartilhadas por essas vozes, também visibilizaram a importância dos diálogos contínuos sobre raça e a necessidade de esforços contínuos em direção às políticas públicas de ações afirmativas, justiça e equidade racial. Ao reconhecer as complexidades das identidades raciais e a interconectividade das experiências, a sociedade pode se mover em direção a um futuro “implosivo” e um pouco mais equitativo para todos/as.

Neste ponto, retomando bell hooks (2020, p. 93), que diz: “histórias também nos ajudam a cicatrizar”.

Essa frase da autora se enlaça à perspectiva de cura trazida nesta linha condutora. Ao narrarem/contarem suas histórias afetivo-familiares, os/as participantes-autores/as da pesquisa, rememoraram dores, traumas, enredos coloniais, algumas situações conflituosas e íntimas. Entretanto, ao libertarem essas histórias e ao (re)contá-las, esses participantes-autores/as puderam, quiçá, dar início aos seus processos de cura, como fala a professora norte-americana: “histórias são um caminho para o saber. Portanto, elas contêm a arte da possibilidade” (hooks, 2020, p. 94).

4 Resultados e discussões

Revisitando as narrativas dos/as participantes-autores/as, podemos perceber naqueles retalhos-narrativos, vários outros processos violentos, protagonizados pela branquitude. *Manuela*, *Zumbi* e *Luiz Gama* corroboram com (Fanon, 2008) sobre a questão do fenótipo, buscam no embranquecimento e na negação da negritude, uma estratégia de sobrevivência, para si e para os filhos. *Emicida* e *Marighella* trouxeram a aridez da conduta de suas mães brancas, tentando retirar à força, por meio de banhos, escovão, simpatias e maquiagem, a cor de suas peles. *Angela* alerta para o genocídio simbólico e a falta de referências negras nos espaços de poder. *Marighella* trouxe a potência da cultura e principalmente da música para ajudar a pensar as desigualdades sociais e raciais.

5 Conclusão

Concluindo essa escrita, destacamos a potência do método da pesquisa narrativa como metodologia de pesquisa, que pode ser manuseada de forma emancipatória e decolonial. Em

movimentos experienciais narrativos, a pesquisadora-costureira e os/as participantes-autores/as, foram tecendo suas histórias e, no momento de (re)contar e compartilhar essas histórias, foram compondo sentidos reflexivos.

Nesse sentido, a tese-colcha se deu de forma não linear, na tridimensionalidade, no corte dos tecidos, na manipulação dos retalhos-narrativos, por entre fios, linhas e forro. As narrativas foram se costurando. Dessa costura das narrativas, foram percebidos 12 fios-conceitos, que se originaram dos retalhos narrativos dos/as participantes-autores/as. Esses fios foram: estética/beleza, amor romântico, violência/opressão, hipersexualização do corpo negro, política do embranquecimento/branqueamento, racismo de marca/fenótipo, colonialidade do ser, hierarquia racial, letramento racial, branquitude, colonização do imaginário e afrocentrismo.

Desses 12 fios-conceitos, utilizando-se de um processo analítico interpretativo, constituído pelo contemplar de todos os materiais construídos no campo (encontros experienciais narrativos, notas de campo, transcrições), e percebendo a convergência entre alguns fios-conceitos, foram compostas três linhas condutoras. No processo de análise, quando em desenvolvimento dessas três linhas condutoras convergentes, se deu o processo de composição de sentidos das narrativas desta pesquisa-costura. Assim, para a feitura da tese-colcha aqui compartilhada, tais linhas foram aprofundadas: pulando a corda da aceitação, negociando “moreno/a” e afrocêntrica.

Uma vez com essas linhas compostas, elas foram dispostas na máquina de costura e, então, os retalhos-narrativos dos participantes-autores e o forro teórico, que já haviam sido alinhavados manualmente pela pesquisadora-costureira, foram sendo cerzidos com a máquina de costura. Deste movimento de cerzir, compondo sentido às narrativas de Manuela D’Ávila, Zumbi dos Palmares, Angela Davis, Luiz Gama, Emicida e Marighella, foi possível perceber como os marcadores da colonialidade, se enredam e envolvem as dinâmicas afetivo-familiares inter-raciais desses/as participantes-autores/as. O racismo é um desses marcadores coloniais que atravessa as vivências cotidiana dessas famílias afetivas inter-raciais. Por vezes, o racismo apareceu de forma declarada e violenta, já em outros momentos, performou zelo, super exigência, erotização, recreação ou infantilização de pessoas negras.

Alguns outros marcadores, oriundos da colonialidade, que ficaram expostos como alguns tipos de nó, que surgiram no processo de feitura da referida pesquisa-costura que foram: a branquitude e os privilégios que ela garante às pessoas brancas, Schucman (2018); a hierarquização racial, Schwarcz (1993); o auto-ódio, Fanon (2008), Souza (2021) e Pinheiro (2023). O auto-ódio, que acompanha pessoas negras; a colonização do imaginário, Fanon (2008); a concepção de beleza eurocentrada; o amor romântico como uma “blindagem” ao

racismo; a romantização de situações de violência e opressão; a negação da negritude como uma estratégia de sobrevivência e aceitação social; a busca por embranquecimento como busca por humanidade; e o colorismo como uma tecnologia para enfraquecer e fissurar o movimento negro e o genocídio simbólico e epistêmico da população negra (dentre outros que, possivelmente, ainda estão sob o véu da branquitude e não foram alcançados por essa pesquisa-costura).

Diante disso, acreditamos que a potência trazida pela tessitura desta tese-colcha, se encontra nas muitas pautas que emergiram, levando-nos a refletir sobre a importância de as famílias interracialis se predisporerem a se pensar. E que esse pensar não pode ser tangenciado pelos enredos românticos do amor, tampouco ser uma reflexão descolada de toda uma contextualização histórico-social. Assim, salientamos a relevância e urgência de novas e outras costuras-pesquisas decoloniais, que convidem a refletir sobre maneiras diversas de pesquisar, conceber família, ser docente, ser humano. Um manifesto propositivo em defesa de costuras coletivas, um enlaçar-se em perspectivas decoloniais, para assim, conseguirmos ir abrindo rasgos de esperança e equidade enquanto uma prática anticolonialista.

Referências

- ALVES, Roosenberg Rodrigues. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações. In: **Seminário De Pesquisa De Pós-Graduação Em História**, 2. Anais... Goiânia: UFG/UCG, 2009. Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/IISPHist09_RoosembergAlves.pdf Acesso em: 15 out. 2023.
- BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado da sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832> Acesso em: 2 nov. 2023.
- CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida (Orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007
- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- CLANDININ, Jean; STEEVES, Pam; CAINE, Vera (orgs.). **Composing lives in transition**: a narrative inquiry into the experiences of early school leavers. Reino Unido: Emerald Group Publishing Limited, 2013.

ELY, Margot *et al.* **On writing qualitative research: living by words.** London and Philadelphia: Routledge Falmer, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistêmicos do longo do século XVI. Decolonialidade e Perspectiva Negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.

hooks, bell. **Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Editora Elefante, 2020.

PROTÁSIO, Michelle. **Compondo vidas na universidade federal: uma pesquisa narrativa com ex-coordenadoras de licenciaturas das áreas de ciências da natureza.** 2023. 295f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande, 2023. Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/91dad0074de0ae9a9d72abafd90b6a_6.pdf. Acesso em: 15 jul. 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista.** Barcelona: Editora Planeta, 2023.

SANTIAGO, Marcelo; FEITOSA, Lourdes Conde. Família e Gênero: um estudo antropológico. **Mimesis**, Bauru, v. 32, n. 1, p. 29-41, 2011.

SARTI, Cynthia Andersen. Contribuições da antropologia para o estudo da família. **Psicologia USP**, v. 3, n. 1-2, p. 69-76, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-51771992000100007>. Acesso em: 20 out. 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias Inter-raciais: tensões entre cor e amor.** Salvador: EDUFBA, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil.** São Paulo: LeYa, 2021.

Stitching Narratives: Interracial Families and Coloniality

Abstract

This article investigates the impacts of coloniality on the experiences of interracial families in southern Rio Grande do Sul, based on qualitative research that used narratives as a method and research tool. The narratives, produced by members of these families, underwent a detailed interpretative process of composing meanings to understand their experiences. From the analysis, twelve main concepts emerged, from which three guiding lines were selected to guide the research. These lines guided the composition of meanings from the narrative experiences, resulting in field texts, intermediate texts, and, later, the final research text. The study highlights the importance of interracial families critically reflecting on their emotional and familial experiences, providing a deeper understanding of how these experiences can influence the processes of affirmation or negation of the racial identity of Black people. By highlighting these dynamics, the study contributes to a broader discussion on the intersection between coloniality, interracial relationships, and racial identity, promoting reflection on the importance of considering and valuing the unique experiences of these families in the Brazilian context.

Keywords: Interracial Family. Coloniality. Narrative Research.

Tejiendo Narrativas: Familias Interraciales y Colonialidad

Resumen

Este artículo investiga los impactos de la colonialidad en las experiencias de familias interraciales en el sur de Rio Grande do Sul. Se basa en una investigación cualitativa que utilizó las narrativas como método y herramienta de investigación. Las narrativas, producidas por miembros de estas familias, se sometieron a un detallado proceso interpretativo de composición de significados para comprender sus experiencias. Del análisis surgieron doce conceptos principales, de los cuales se seleccionaron tres líneas directrices para guiar la investigación. Estas líneas guiaron la composición de significados a partir de las experiencias narrativas, dando como resultado textos de campo, textos intermedios y, posteriormente, el texto final de la investigación. El estudio destaca la importancia de que las familias interraciales reflexionen críticamente sobre sus experiencias emocionales y familiares, lo que proporciona una comprensión más profunda de cómo estas experiencias pueden influir en los procesos de afirmación o negación de la identidad racial de las personas negras. Al destacar estas dinámicas, el estudio contribuye a una discusión más amplia sobre la intersección entre la colonialidad, las relaciones interraciales y la identidad racial, promoviendo la reflexión sobre la importancia de considerar y valorar las experiencias únicas de estas familias en el contexto brasileño. Palabras clave: Familia interracial. Colonialidad. Investigación narrativa.

Palabras clave: Familia interracial. Colonialidad. Investigación narrativa.